



---

ÁREA TEMÁTICA: CRENÇAS E RELIGIOSIDADES

---

QUOTIDIANO E RELIGIOSIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS ROMEIRAS A PARTIR DE ESTUDO DE CASO NO NORDESTE BRASILEIRO

---

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto

Mestre em Desenvolvimento Regional

Universidade Federal do Ceará / Universidade Regional do Cariri

paulacordeiro@gmail.com

---

### Resumo

O presente estudo é fruto de reflexões desenvolvidas sobre peregrinações em Juazeiro do Norte, no Nordeste do Brasil. Os visitantes são designados “romeiros” e se constituem categoria central na representação de alteridades e identidades no universo quotidiano-religioso da cidade. No encontro entre “romeiros” e “moradores” é construído um cenário de tensões e disputas simbólicas relacionadas à ideia de romaria como devoção ou diversão e que implicam em distintas formas de apropriação do lugar.

Palavras-chave: Romarias, Práticas religiosas, disputas simbólicas.





## 1. INTRODUÇÃO

*... o mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição, é um mundo aberto [...] que deve ser modelado pela própria actividade do homem.*

Peter Berger

No Brasil, as peregrinações relacionam-se directamente a festas religiosas locais e são comumente designadas por “romarias”, embora ultrapassem em muitos lugares a dimensão de festividade local. Todos os anos, milhões de pessoas se deslocam de vários cantos do Nordeste e de outras regiões do país num percurso carregado de simbologias e se integram numa comunidade<sup>1</sup> maior e efémera que se forma durante o tempo das romarias em Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará. Ali, novas formas de ordenamento social delineiam sobreposições de modalidades de auto-representação e representação do outro, a partir da mobilidade de diferenças, distâncias e fronteiras vivenciadas. O presente texto é parte de reflexões desenvolvidas sobre as construções simbólicas no contexto do encontro entre romeiros e moradores em Juazeiro do Norte, considerando sentidos e práticas que relacionam os agentes envolvidos, o lugar alvo das peregrinações e os eventos ocorridos durante as romarias ao Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores.

A partir de elementos que apontam aspectos da romaria que a caracterizam como cenário de disputas simbólicas de categorização relacionadas aos agentes envolvidos no evento, pretende-se apresentar um esboço descritivo do tempo das romarias e sua configuração a partir de relações que se delineiam no encontro entre moradores e romeiros, assim como entre romeiros e sua devoção a partir da identificação de suas práticas. Busca-se, enfim compreender inclusões de práticas relacionadas às romarias que possam remeter a tensões entre os agentes e contribuir para identificar a lógica de sua reprodução.

O campo foi realizado durante as romarias ocorridas entre 2005 e 2006. Por considerar que não existem fatos brutos que possam ser simplesmente colectados, já que a realidade social fornece sempre dados “pré-construídos” que devem ser “desconstruídos” pelo investigador, procurei identificar os sentidos e práticas culturais realizando observação durante as romarias, registrando por meio de fotografia os eventos e fazendo entrevistas a diversos agentes envolvidos.

## 2. ROMARIAS: PEREGRINOS EM MOVIMENTO

O fenómeno das romarias contemporâneas proporciona um campo rico em construções que envolvem várias perspectivas de interpretações a respeito das acções e sentidos evocados pelos agentes envolvidos. Como fenómeno social mais amplo, o papel dos fluxos de carácter religioso no processo social remete a uma dimensão ritualista, que compreende a busca de ambientes adequados à manifestação do sagrado, cujos significados os fiéis já carregam consigo (Rosendahl, 1998). Assim, a experiência religiosa se funda em princípios introjetados, levando o indivíduo a adoptar, juntamente com o grupo ao qual faz parte, um universo de simbologias cujos sentidos direccionam formas de viver e entender o mundo.

Como eventos religiosos, as romarias carregam em si um “sentido de busca” na medida em que se constituem ritos de passagem do comum para o extraordinário, do quotidiano para o excepcional. Embora se revistam de um carácter individual – já que cada peregrino refere-se a motivações de foro íntimo, não se trata de trajectória percorrida por indivíduos isolados, mas do universo simbólico criado colectivamente como reflexo de processos sociais mais abrangentes, na medida em que determinam condutas e práticas sociais referentes a papéis e identificações reconstruídas através da participação do indivíduo no cenário social (Berger, 1986). Ao mesmo tempo, a emergência de sociedades complexas propõe uma ruptura com a análise dicotómica e estanque de fenómenos como romarias em termos de sagrado e profano,



compreendendo que as acções acontecem numa dinâmica contínua, e é entre os extremos que estão localizadas a grande maioria das acções (Leach, 1996).

Embora não se trate aqui de um estudo sobre identidades religiosas, considero que o romeiro como categoria central num estudo sobre romarias deve ser considerado não apenas em referência a uma memória autorizada, ou um *habitus* que se reproduz e/ou se reconstrói na sequência de gerações romeiras, mas, também, corroborando com Hervieu-Lèger (2005), a partir de trajectórias e itinerários biográficos dos indivíduos, numa configuração social que apresenta uma elasticidade da ordem normativa e um declínio de vivências religiosas que remetem a um exercício dogmático ou a um vínculo institucional religioso. Ao mesmo tempo, a variedade de interacções religiosas e culturais que comumente acontece no tempo de romarias aponta como eixo significativo de análise a compreensão da configuração do fenómeno a partir da relação entre pessoas, lugares e eventos cuja interface dialoga com tradições actualizadas nos actos rituais e formas de sociabilidade ocorridas nas romarias (Eade; Sallnow, 1991). Essa abordagem abre possibilidades de relacionar as romarias como as etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial (Gennep, 1977).

Provavelmente a manutenção de um *habitus*, um esquema prático construído por gerações sucessivas de romeiros, seja uma forma de dar continuidade às relações objectivas que os originaram e são reforçadas na perspectiva do encontro com o “outro” ou na prática ritualista que envolve o rememoração de valores e crenças fundamentais para sua identificação social. Noutro aspecto, os actos religiosos servem para lembrar os significados tradicionais encarnados na cultura e suas instituições mais importantes. Nesse caso, a experiência religiosa permite ao indivíduo estabelecer um lugar no seu mundo, e, por conseguinte, uma compreensão para situações e acontecimentos que ameaçam a explicação e o sentido pragmático de sua existência (Berger, 1985).

Essa concepção atrai o foco de discussão para modalidades específicas segundo as quais o religioso institui, organiza, preserva e reproduz uma linhagem crente, ou promove a continuidade de uma prática religiosa que tem em si aspectos aparentemente opostos imbricadas fazendo do indivíduo ao mesmo tempo sedentário praticante que volta para fazer parte do ritual ano após ano, e por outro lado, também peregrino em movimento que corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa que se expande e se estabelece na perspectiva da mobilidade e da associação temporária (Hervieu-Lèger, 2005).

Concomitante à manifestação da romaria como ritual, ocorre continuamente produção de novos significados para os eventos e agentes que a ela se relacionam, principalmente ao se considerar a sua categorização como evento do “turismo religioso” e suas implicações. Silveira (2003) investiga a ideia de que as manifestações religiosas produziram um novo tipo de lazer e sugere haver uma tensão entre fé e diversão que favorece o surgimento de uma nova categoria, o turismo religioso. Nesse encontro de circunstâncias, ou intersecção de estruturas (Sahlins, 1990) a identidade do “romeiro” é assim colocada em jogo na disputa simbólica das designações, passando a sofrer influências de instituições e agentes que se beneficiam com o advento do turismo religioso explorando a ideia de peregrinação como produto de consumo. Para Steil (2003), entretanto, a romaria opera como um discurso que comporta duas formas de sociabilidade: a lógica da peregrinação em situação de comunhão e a lógica turística da distinção e do estranhamento na relação com o outro. Na tentativa de esboçar distinções tem-se que a peregrinação sugere um modelo de convívio próprio da comunidade emocional e religiosa, chamada por Turner (1974) de *communitas*. Já o turismo apresenta basicamente o modelo da *sociedade da corte*, com um tipo de convivência possivelmente identificado pela ideia de *societas*, conforme Elias (1985), tendo como regra básica de funcionamento a distinção. Não existe “o romeiro” modelado numa “forma” única. Provavelmente há mudanças nas motivações para as romarias e na reprodução da devoção nas novas gerações de romeiros. Uma abordagem como essa conjuga temporalidades que desafiam a interpretação considerando a diacronia que encerram. A questão que se coloca é a respeito de como os pontos de vista de moradores e romeiros interferem nas práticas performáticas associadas ao ser romeiro, considerando que *performance* e acção



complementam o sentido das representações proporcionando que a sociedade se afirme e se recrie periodicamente.

### 3. UM LUGAR “SAGRADO”

No final do século IXX, Juazeiro do Norte não passava de um insignificante lugarejo sito no coração do Nordeste brasileiro. Em 1872, quando ali chegou o recém ordenado Padre Cícero, o arraial ainda mantinha o aspecto de uma fazenda de cana-de-açúcar. Íntegro e obstinado na instauração da ordem, o padre obteve rapidamente reconhecimento público do povo simples do lugar que lhe atribuía qualidades excepcionais de santidade e profecia.

Em 1889, o “milagre da hóstia”<sup>2</sup> - protagonizado pelo Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo deu origem ao fluxo de romeiros em Juazeiro do Norte. Durante os cem anos que se seguiram às romarias se diversificaram e começam a partir de 2006 a ampliar em número e modalidade de motivação. Oficialmente são três romarias por ano no calendário de festas da Igreja<sup>3</sup>, com duração média de três a quatro dias<sup>4</sup>. Além dessas, mais duas romarias se originaram nos cultos e festividades relacionadas ao nascimento e morte do Padre Cícero<sup>5</sup>, cuja memória está profundamente enraizada no quotidiano da cidade.

Homem, homem santo ou santo, Padre Cícero é ícone e símbolo presente na dinâmica social local. É ele que nomeia a avenida e a praça principal, um sem número de estabelecimentos comerciais e de serviços, além de ser marca registrada de vários produtos. Muitos romeiros também continuam e adventícios registrando seus filhos por Cícero (a). Sua imagem é reproduzida em estátuas, retratos e gravuras que estão na grande maioria das casas dos moradores locais. Se houver uma sala de santo na residência sua imagem estará ao lado do Coração de Jesus e da Virgem Maria. Nos terreiros de umbanda é considerado uma entidade de devoção e para espíritas kardecistas ele lidera o “Socorro” – cidade espiritual que recebe os desencarnados locais. Essa ideia de que alguém está aqui e ao mesmo tempo não está, de um fato que se localiza no passado e no presente representa bem o fim do sentido de referência e fronteira comum na modernidade (Fortuna, 1999).

No tempo das romarias, a cidade se transforma com a recepção de visitantes num contingente populacional até três vezes maior que o número de habitantes locais<sup>6</sup>. Nesses períodos os usos e apropriações dos espaços urbanos se transformam completamente para receber milhares de visitantes. Muitos desenvolvem com o Padre Cícero uma relação de “afilhadagem”<sup>7</sup> e, para estes, Juazeiro se torna um “translocal”, um portal onde é possível relativizar tempo e espaço. Juazeiro é então: “oásis do sertão”, “refúgio dos pecadores”, “terra prometida”, “terra da Mãe de Deus”, e “lugar de redenção”. Para alguns é a dimensão festiva da romaria que perpassando o eixo das motivações, garante o retorno ano após ano.

Em pesquisas anteriores<sup>8</sup>, busquei compreender as romarias como possível fenómeno turístico<sup>9</sup> a partir de seus dados económicos. Enquanto realizava esses levantamentos, um padrão de repostas estava sempre presente relacionado a desconfortos provenientes de falhas na infra-estrutura de recepção do município: falta de água e higiene, caos no trânsito, carestia, violência, entre outros. A despeito de como se dá a propagação dos itinerários no turismo, as motivações para o deslocamento nas romarias se dão através de estímulo de pessoa a pessoa, de “boca em boca” e, apesar dos desconfortos, continuam crescendo. Essa perspectiva coloca em questão os elementos constituintes das motivações que mantêm, ampliam a romaria e provavelmente delinham os sentidos da viagem, já que os fluxos de romarias em Juazeiro parecem independem da qualidade da recepção local, ainda preservando um carácter de ritual sacrificial<sup>10</sup>.

A maioria da população que deu início ao município era formada por levas de indivíduos miseráveis, perseguidos por questões de posse da terra, ex-cangaceiros, ex- “mulheres da vida”, “sem-terras”, “retirantes” das grandes secas que assolaram o Nordeste no início do século XX, que no Juazeiro do Padre Cícero buscavam refúgio, redenção e melhoria de condições de vida e de trabalho. Para os romeiros de outrora que fixaram residência no município, é amplo o repertório de acontecimentos fantásticos na ordem do milagroso e do sobrenatural que reconstituem os caminhos que os trouxeram para Juazeiro. Os que no



município foram se estabelecendo – a maioria trabalhadores rurais sem terra e romeiros - constituem as fronteiras internas de sua identificação como morador sob o domínio do líder aglutinador que os mantém sob sua autoridade moral, usando um preceito que delinea o fio condutor para toda acção social local: “em cada casa uma oficina, em cada oficina um altar”. Possivelmente, foi a institucionalização dos preceitos “oração e trabalho”, como marcas “identitárias” de uma comunidade emergente, que garantiu a ordem e a disciplina necessárias para o crescimento económico do município.

Os traços originais daquela sociedade vão se remodelando sob a influência de novas qualidades trazidas por público migrante com formação, interesses e valores distintos daquele que deu início à constituição do município, já que a caracterização romeira do migrante de outrora se complexificou evidenciando vários perfis. Culturalmente, a composição populacional do Juazeiro do Norte contemporâneo é eclética, multiforme, híbrida e com transformações nas relações entre tradição e modernidade<sup>11</sup>. Entre os jovens, principalmente escolarizados e pertencentes a famílias com níveis de renda mais elevados, as construções simbólicas em relação ao Padre Cícero são de ordem terrena. No discurso dessa categoria etária está presente um arrefecimento da imagem do Padre como santo, mas não o sentido dos valores “fundantes” da comunidade do início do século: trabalho e oração<sup>12</sup>.

Ao lado de uma população de origem migratória que se estabeleceu e se reproduziu ao longo dos últimos cem anos, o município continua recebendo imigrantes de várias localidades nordestinas, com uma taxa relativamente alta de crescimento demográfico. A taxa de crescimento populacional 2003-2004 foi de 3,5% (IBGE, 2004), superior à taxa de crescimento da capital do estado, que foi de 3,3%. No entanto, essa população de origens distintas possui elementos de identificação que constituem um “nós” em relação a um “eles” (os chamados romeiros), mesmo quando o morador, em um momento anterior de sua trajetória, tenha pertencido àquela categoria.

Nas cerimónias locais, romeiros e moradores partilham igual devoção e se aproximam por práticas comuns e comportamentos semelhantes, mas estão em lugares sociais distintos. Para o morador a participação em cerimónias corresponde ao cumprimento de uma obrigação religiosa quotidiana, periódica ou comum. Para os romeiros estar ali é excepcional, “é a felicidade maior do mundo”, emoções são vividas com intensidade, participam da força do grupo e vivenciam um sentimento que não é comum na vida quotidiana. Isso sugere na perspectiva de seqüencialidade dos ritos, um estado de margem (Gennep, 1977), de *communitas* (Turner, 1974) ou de “fusão de consciências” e se apresenta como expressão de um laço humano essencial sem o qual não poderia haver sociedade e que liga a emoção colectiva à evocação controlada da cadeia de memória que justifica a própria existência da comunidade (Hervieu-Lèger, 2005). Nesse processo, indivíduos e grupos em confronto com “o outro” - que é plural; resultante de diferentes ordenamentos e códigos sociais – assistem à destruição criadora da sua identidade, ou seja, a identidade vai se ressignificando e isto implica em abandono de referentes antigos e inclusão de novas representações.

#### 4. TEMPO DAS ROMARIAS

Os romeiros que se deslocam a Juazeiro e buscam amparo nos ritos e devoção se importam prioritariamente em fazer pedidos e agradecer os que foram atendidos. O que pedem? Curas para males físicos e espirituais; soluções para entraves em relacionamentos, inclusive de ordem familiar e amorosa; melhoria de sua localização no mundo social através de beneméritos relacionados a finanças, cargos e concursos. Enfim, intervenção divina, pela mediação do Padre Cícero e da Mãe das Dores, na solução de suas mazelas e melhoria de condições de vida e trabalho. Essa demanda expressa uma perspectiva coerente num mundo em que as incertezas da vida se delineiam de forma mais eloquente que as da morte (Bauman, 1998), na medida em que também as exigências do presente se tencionam fortemente com os horizontes de uma realização futura e abrem espaço para novas abordagens do religioso.

Muitas famílias recebem todos os anos os mesmos grupos de romeiros e nos dias que antecedem a chegada dos romeiros preocupam-se em esvaziar espaços da casa para ampliar a capacidade de acomodação. Geralmente o fazem armazenando todos os móveis num único cómodo, deixando livres os



demais e, na cozinha, fogão e geladeira ou potes d'água. Na chegada há festividade. Não são estranhos porque a relação que se constrói percorreu uma trajetória: Através de um conhecido em comum que faz o papel integrador entre visitante e visitado se cria uma relação num espaço de curta duração. Com membros desse grupo de visitantes o morador desenvolve em alguns casos relações de amizade e de compadrio<sup>13</sup>, forjando durante a romaria, modalidades de organização das relações entre visitante e morador que ampliam ou se sobrepõem à estrutura social hierarquizada de partida em que os romeiros se inscrevem.

Cerca de ¼ dos romeiros que visitam o município se hospedam em casas de família<sup>14</sup>. Para os romeiros essa modalidade de hospedagem significa, além de economia e privacidade<sup>15</sup>, um maior entrosamento com as pessoas do lugar e uma maior segurança já que, geralmente, o dono da casa permanece na residência durante o período da romaria e pode controlar melhor o acesso de pessoas não hospedadas.

Os romeiros realizam o itinerário religioso por ordem de importância, (Colina do Horto, igrejas, cemitério); a seguir o itinerário turístico relacionado à visita de praças, museus e ao reconhecimento espacial da cidade; fazem compras; e buscam lazer e diversão. Na programação durante a estadia, a missa na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é obrigatória. Ali, o túmulo do Padre Cícero, ao pé da mesa de celebrações, faz parte do balcão suspenso, cercado por grades de ferro de meio metro, que constitui o altar. Na romaria, as missas acontecem com periodicidade horária e tem sempre muita gente num ambiente que se torna mais quente com o cheiro permanente de vela queimando e suor. Muitos se comprimem para chegar ao balcão e por entre as grades tocar no túmulo, outros contritos murmuram orações a contemplar o túmulo repleto de todo tipo de objecto "para que fique bento". Os estampidos de fogos soam continuamente.

Para todos que fazem da cidade um destino, a visita à colina do Horto – onde está localizada a estátua do Padre Cícero voltada para a cidade, como que para vigiá-la - é obrigatória, e é comum a reprodução dos itinerários desenhados pelo padre. Na visita ao Horto, aos pés da estátua de 27 metros de altura, o sentido da visita torna-se mais nítido. No lugar mapeado por "peneiristas"<sup>16</sup> em que circulam os visitantes, a pose para a fotografia é o que chama a atenção da pesquisadora. Num ângulo estudado, os fotógrafos criam a imagem do Padre com a mão na cabeça do romeiro. "O senhor garante que sai na foto meu padrinho com a mão na minha cabeça?" pergunta uma romeirinha a um fotógrafo.

Ainda no Horto há a visita ao museu vivo que reproduz cenas do cotidiano do padre com imagens de resina em tamanho natural. Observando essas visitas é comum se visualizar o encantamento no rosto dos peregrinos. Muitos não conseguem se conter: "Virgem Maria, nossa senhora! Parece até que meu padrinho está aqui conosco". Nos arranjos do museu são contadas histórias que balizam seus conhecimentos e convicções moral-religiosas. A visita funciona como um ato de renovação, uma prova experimental de suas crenças. A riscadura é feita na estátua com centenas de pequenas mensagens, até o alcance da mão: "Jesualdo de Lima, Bodocó, Pernambuco, estive aqui em Fevereiro de 2005". Elas denunciam o compromisso de conservar e reafirmar ideias colectivas que se constituem indicativos dos elementos que configuram o sentimento de pertença dessa grande e efémera comunidade que se forma na romaria.

A cidade e principalmente o entorno das igrejas, praças e monumentos, se transformam numa imensa feira, onde é possível abastecer-se de artigos religiosos, jóias, peças em alumínio e confecções. A maior parte desses artigos é fabricada na cidade. Outros tantos importados de outras regiões. Mas por que comprar coisas em Juazeiro que existem a venda em seus locais de origem? A resposta está nos significados do contexto de peregrinação a uma "Terra Santa". Para o romeiro, as coisas adquiridas em Juazeiro têm um significado especial, são "arreliques"<sup>17</sup> com qualidades superlativadas, considerados assim desde objetos de usos pessoal até as "lembranças" – peças de adorno e "souvenirs". O Bálsamo da Vida – elixir de fabricação local indicado externamente como anticéptico e cicatrizante e internamente com função sedativa intestinal – também tem um sentido um tanto milagroso para o romeiro e, como panaceia, é usado para quase todo tipo de enfermidade. Assim também se dá na aquisição da rapadura, que se constitui um item muito procurado. "A rapadura de Juazeiro é melhor, mais forte, mais doce" – É o que diz o romeiro, embora a rapadura vendida em Juazeiro seja produzida nos municípios vizinhos (Crato e Barbalha), e possa ser encontrada em outros lugares.



O carácter festivo da feira reconfigura o centro da cidade. As mercadorias das lojas são estendidas até as calçadas que quando não usadas pelos lojistas são alugadas a comerciantes ambulantes tornando impossível o tráfego de pedestres. Por hábito desenvolvido em suas pequenas cidades de origem e por falta de espaço, os romeiros transitam pelo meio da rua. O trânsito torna-se caótico com motoristas irritados e congestionamento de veículos - carros, caminhões, autocarros, motos, bicicletas, carroças puxadas por muares e carrinhos de gelado e lanches.

No fim do dia e término da jornada comercial, grupos de romeiros se reúnem nas praças e calçadas dos bairros residenciais mais centrais. Conversam muito sobre compras, roteiros a percorrer, temas em voga na actualização do lugar e sobre o contexto social mais amplo que envolve os assuntos que correm no noticiário televisivo. Depois da última missa do dia, os grupos reunidos aumentam em número e diversidade. Moradores improvisam bares de calçada, e ali os mais jovens namoram ao som de bandas de forró estilizados e frequentemente se embriagam. Risadas fartas são ouvidas até o avançar das horas e nas rodas que se formam a presença dos moradores é constante.

É para a igreja Matriz de Nossa das Dores que convergem os fiéis nas grandes celebrações. Festa e culto, as cerimônias são conduzidas com sobreposições de narração dos fatos históricos que envolvem o Padre Cícero no roteiro formal da celebração. Para uma moradora da cidade que assiste a missa e a devoção dos romeiros ali presentes pergunto sobre o que sente:

Acho bonito de ver aquele povo na Igreja. O padre anima, pede salva de palmas, vivas para Nossa Senhora, Padre Cícero e todos os santos. O povo levanta o chapéu, balança os braços... É bonito, é bonito. Olho para o lado e vejo gente chorando. Não me emociono não, minha filha. A igreja pra mim tá ali todo dia... Eles se emocionam porque vêm de longe, não sabem se ainda voltam a Juazeiro. E tem o sacrifício, a gratidão. Esse povo é sofredor, o evangelho daqui torna eles mais feliz (sic). (V. A. C. – Entrevista concedida em 24 de Março de 2005).

Os aspectos de modernidade que conferem carácter metropolitano ao município permitem observar que, a despeito de uma cultura religiosa fortemente arraigada no quotidiano local, quem não partilha directamente do carácter profano e sagrado que permeia a festa religiosa procura sair de cena<sup>18</sup>. Permanecem na cidade ou fluem pelas ruas os que participam das cerimónias religiosas, os trabalhadores, os comerciantes e demais envolvidos na produção de bens e serviços. Nesse sentido, identificam-se dois movimentos distintos: aproximação e distanciamento entre moradores e romeiros envolvidos, que se sobrepõem e não contemplam isoladamente elementos suficientes para determinar os níveis de entrosamento e sociação que se desenvolvem na relação entre romeiro e morador.

O carácter transgressor das lógicas do quotidiano imposto pela extrapolação da capacidade de carga do município no tempo de romaria, contribui para delinear um antagonismo entre determinados grupos de moradores e de romeiros<sup>19</sup>. Enquanto os meios de comunicação locais procuram difundir a construção de um comportamento hospitaleiro, é comum para parte da população que não se beneficia directamente com o fluxo das romarias, evitar o contacto com o público romeiro. Como em qualquer sociedade, os moradores do município de Juazeiro do Norte observam certos padrões de comportamento e normas de convivência social que são fundamentais para a manutenção de um estilo de vida já estabelecido. A invasão do espaço urbano provocado pelo afluxo desmedido de romeiros compromete o cumprimento dessas normas que para os locais são simples, óbvias e essenciais para fazer a vida na cidade ocorrer de forma previsível.

Tempo e espaço, para o morador são dimensões que marcam a sua trajectória quotidiana. Existe horário determinado para a escola, o trabalho, o almoço; hora marcada para o atendimento em profissionais liberais e serviços diversos; tempo curto e intervalos para tomar providências, realizar compras. De certa forma, o residente constrói sua rotina em função de tempos e deslocamentos, relógio e semáforo. Tempo e espaço são, sobretudo, dimensões culturais da vida social. Além da grande quantidade de carros de visitantes que





superlotam as ruas e avenidas, para oromeiro pedestre o tempo tem uma dimensão diferente. Não há pressa para ver uma vitrina, mesmo que um grupo inteiro pare para olhá-la – o que é comum – e impeça a passagem dos demais transeuntes que vêm a seguir. E já que nas calçadas, “privatizadas” por camelôs, não há espaço para andar, os grupos se deslocam pelo meio da rua da forma como cada um o faz naturalmente em suas pequenas cidades de origem. Tal conduta cria congestionamentos em praticamente toda a cidade. As normas de deslocamento de pedestres também não são respeitadas, nem reconhecidas pelosromeiros que param no meio de cruzamentos e estancam no meio da travessia de uma calçada para outra quando se deparam com um carro. Para o morador a subversão no uso dos espaços urbanos implica numa tensão contínua que envolve além de possibilidades de acidentes de trânsito, riscos objectivos: atraso nos compromissos, alteração no ritmo quotidiano, exposição a endemias<sup>20</sup> e aumento da criminalidade<sup>21</sup>. É ele que deve se adaptar ao estado de coisas durante a romaria que se impõe.

Seja qual for o papel assumido pelos agentes, seja como for a natureza do encontro entre morador eromeiro, o momento da despedida culmina em alívio e vazio; se misturam saudade e nostalgia; e a sensação de dever cumprido se complementa a de “final de feira”. Na missa de despedida da maior festa do ano, na Igreja Matriz, chapéus oscilam nas mãos erguidas. “Meu padrinho, quanta saudade o senhor deixou entre nós / Hoje vivo em nossa luta / Dá mais força a nossa fé”. A seguir caminhões e autocarros em procissão durante horas a sair da cidade. Osromeiros vão cantando e rezando, até que sua presença torna-se apenas um murmúrio dos ventos. Para quem fica e para quem vai, a certeza do anúncio da aterragem no quotidiano: o lugar de sonho que ficou para trás de uns, é o lugar de outros reparar a desordem e conferir o lucro. Na cidade, os moradores ao se transportarem novamente para o quotidiano encontram vestígios daquele outro lugar em toda parte. Como quem acorda da ressaca e enfadado, olha ao redor depois da festança, e tudo está exageradamente usado, repentinamente vazio e excessivamente sujo. É hora de arrumar a casa e, enfim, assumir o desafio de voltar à normalidade.

Moradores eromeiros desenvolvem formas de apropriação distintas do lugar e ao fazê-lo constroem um campo de lutas simbólicas que define diferentes formas de sociabilidade, embora os agentes partilhem de semelhantes sentidos de pertença. Ao se deslocar, oromeiro vai para o Juazeiro “dele”. Um lugar que se constitui simbolicamente a partir de sua crença, no qual ele pode recarregar suas forças para suportar as dificuldades do dia-a-dia. Ao se assumirromeiro – colocando chapéu na cabeça e rosário no pescoço - o visitante denuncia que está adequadamente vestido e investido do espírito para o desempenho da cena cujo personagem principal é ele próprio. O morador é o coadjuvante que mesmo quando só assiste, e é directa ou indirectamente muito bem pago por isso. Para ele, oromeiro é um incómodo desejável, pois após a romaria muito além de sujeira e desordem há um saldo de milhões de reais para incrementar a economia local. Para o visitante, estar em Juazeiro comoromeiro é o coroamento de uma trajectória interior cujo objetivo é renovar utopias. Nesse “pedaço do céu” construído por ele, é possível encontrar os três mais antigos e poderosos elementos do sagrado: o mistério, o milagre e a magia (Berger, 1985) e novamente se encantar com o mundo.

Muitosromeiros vêm a Juazeiro ressignificar na cidade em que viveu o Padre Cícero, suas identidades através de experiências e de saberes partilhados no convívio social. Nesse sentido, a visita ao monumento é uma visita a um personagem marcante do seu imaginário num lugar que funciona como repositório de outros modos de vida e estimula a construção imaginada do presente.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Embora Juazeiro do Norte não represente um cenário de desregulação institucional na medida em que as romarias continuam se orientando para o exercício de uma vivência religiosa com uma forte vinculação institucional, no discursoromeiro é possível identificar um vazio institucional religioso no tocante a presença da Igreja no seu quotidiano. Muitos dos “romeiros” residem em pequenos povoados e vilas e que, pela falta de padre, chegam a passar mais de um ano sem assistir a uma celebração em suas pequenas capelas. Por outro lado, oromeiro é atraído também pela dimensão exacerbada da sociabilidade, num espaço



diferenciado em sentido lato. Em seus lugares de origem eles não circulam entre multidões, pouco se divertem, consomem o mínimo e, geralmente, não se distanciam de suas localidades até que é chegado o momento da romaria. Na romaria, ao contrário, fazem parte de um grande burburinho na cidade superlotada de anónimos, na qual muito consomem e se divertem. A romaria é vivência da identificação que se delinea no plano emocional, no fervor de se constituir um “eu romeiro” que se funde a um “nós” no sentido de “povo romeiro”.

Em detrimento de algumas regularidades em relação a perfis e identidades, a romaria não “é”, ela acontece, isto é, a romaria não é um fato que possa ser definido com características estanques, antes trata-se mais de fenómenos com fortes dinâmicas resultantes de actores em movimento. Muito do que se pode vislumbrar na cidade de Juazeiro do Norte no tempo das romarias é fruto de múltiplas determinações. Apesar das motivações colectivas relacionarem-se à participação em eventos religiosos, parece estar sempre presente uma tensão entre devoção e diversão que se apresenta mais tangível nas disputas entre gerações a respeito da possibilidade de uma continuidade de devotos que façam romaria segundo seus próprios sentidos.

Essa disputa é percebida mais claramente quando aparece em discursos de romeiros ao tentarem localizar o que significa “ser” romeiro num contexto de mudanças na compreensão das romarias com ampliação de vivências que dizem respeito a experiências lúdicas e de consumo de bens e serviços. Frequentemente, o romeiro de gerações mais antigas se localiza a partir de um *habitus* que remete a práticas tradicionais das romarias. Sua imagem é então a do devoto fiel, do pagador de promessas, do que cumpre uma penitência. As mudanças referentes às práticas de consumo e diversão são “empurradas” para as gerações mais jovens e usadas para localizá-los (os jovens) como pseudo-romeiros, indivíduos distanciados das práticas tidas como legítimas do *ser* romeiro. Enquanto que para as gerações mais recentes o aspecto festeiro do encontro é o que conta. Em Juazeiro do Norte, onde sagrado e secular se sobrepõem. Distingui-los implica na tentativa de compreender sua complementaridade fundamentada nos valores centrais – oração e trabalho. Os valores centrais de uma comunidade como afirma Shils (1996) pertencem à esfera da acção local e, assim, são afirmados e seguidos porque representam a ordem cuja tendência é ser universalizada.

A trajectória em si, desde a saída de casa até Juazeiro delinea um eclético roteiro de visitaçã, como uma espécie de remissão daquilo que lhes falta. Como descreve Durkheim (1989) a respeito da função dos actos religiosos; “[...] o homem sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las”. É nesse sentido que tomo a afirmação de Geertz (2001: 155) de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”. Embora essa distinção entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do quotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma” (2001: 153). As relações existentes entre sujeitos sociais durante os eventos apontam dependências recíprocas ligando os indivíduos e estabelecendo códigos e comportamentos determinados.

Nesse sentido, torna-se apropriada a noção trazida por Bourdieu (1983) ao considerar que estrutura tanto se reproduz como muda através de estratégias de conservação e subversão. Imersos num campo de lutas simbólicas, romeiros e moradores constroem, por meio de uma concorrência de interesses, adequações entre as práticas em períodos de romarias e o quotidiano da sociedade.

**BIBLIOGRAFIA**

- BERGER, Peter, (1985) *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulus.
- DA MATTA, Roberto, (1997) *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, 6ª ed, Rio de Janeiro, Rocco.
- CANCLINI, Néstor García, (2003) *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- BAUMAN, Zigmunt, (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- BOURDIEU, Pierre, (1983) *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto, (2004) "Romarias e oportunidades turísticas", *Caderno Tendências*, Crato (Brasil), nº 2, pp. 75-90.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto, (2006) "Padre Cícero entre a terra e o céu" (Comunicação Científica), III Simpósio Internacional: Padre Cícero: e quem é ele?, Em: *Anais...*, Juazeiro do Norte, pp. 69-70.
- DURKHEIM, Émile, (1989) *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo, Paulinas.
- EADE, John; SALLNOW, Michael (Orgs.), (1991) *Contested the sacred: the Anthropology of christian pilgrimage*, Nova York, Routledge.
- ELIADE, Mircea, (1992) *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, São Paulo, Martins Fontes.
- ELIAS, Nibert, (2001) *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FERNANDES, Rubem César, (1994) *Romarias da paixão*, Rio de Janeiro, Rocco.
- FORTI, Maria do Carmo Pagan, (1991) *Maria de Araújo: a beata do Juazeiro*, São Paulo, Paulinas.
- FORTUNA, Carlos, (1999) *Identidades, percursos e paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*, Oeiras, Celta.
- GEERTZ, Clifford, (2001) *Nova luz sobre a antropologia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- GENNEP, Arnold Van, (1977) *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos...*, Petrópolis-RJ, Vozes.
- HERVIEU-LEGER, Daniele, (2005) *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa, Gradiva.
- IBGE, (2004) *Cidades@*, Protocolo disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> [Data de acesso: 10 de Setembro de 2004].
- LEACH, Edmund R, (1996) *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*, São Paulo, EDUSP.
- PINHO, Maria de Fátima Moraes, (2002) *Representações sociais do Padre Cícero para os moradores da Colina do Horto*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Departamento de Economia – URCA, Crato - CE.
- ROSENDAHL, Zeny, (1998) «Percepção. Vivência e simbolismo do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos» Em Luiz Cruz Lima (Org.). *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*, Fortaleza, UECE.
- SAHLINS, Marshall, (1990) *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- SHILS, Edward, (1996) «Centro e periferia», Em *Centro e periferia*, Lisboa, Difel, pp. 53-71.
- SHORE, Cris, (1996) Comunidade, Em William Outhwaite, Tom Bottomore (Eds.), *Dicionário do pensamento social do século XX*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.



SILVEIRA, Emerson José Sena da, (2003) «Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida», Em Edin Sued Abumanssur (Org.), *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*, Campinas – SP, Papyrus.

STEIL, Carlos Alberto, (2002) «Turismo como objeto de estudo no campo das ciências sociais», Em Mario Riedl, Joaquim Anécio Almeida e Andyara Lima Viana, *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC.

TURNER, Victor W, (1974) *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis –RJ, Vozes.

TURNER, Victor; TURNER, Edith, (1978) *Image and pilgrimage in Christian culture*, Nova York, Columbia University Press.

WALKER, Daniel, (1999) *Pequena biog*

<sup>1</sup> Considera-se aqui a dimensão subjetiva da comunidade romeira, um estado de espírito ou sentimento de pertencimento por vezes fluido e intangível, mas que surge como elemento de auto-identificação no grupo (Cf. SHORE in OUTHWAITE, BOTTMORE, 1996).

<sup>2</sup> Segundo Walker ([1999], p. 44), foram publicadas pelo menos cinco versões para o fenómeno ocorrido pela primeira vez na manhã de 1º de Março de 1889. A primeira versão foi defendida principalmente por Padre Cícero e pelo Professor José Marrocos que atribuíam ao fato “natureza divina, sendo, portanto, milagre”. A segunda, divulgada pela igreja classificou o fato como heresia afirmando o ocorrido como “gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia”. A terceira versão, datada da mesma época e defendida pelo Dr. Júlio César da Fonseca Filho, entendeu o fato como um caso de histeria. A quarta, publicado em 1956, pelo padre e historiador Antônio Gomes de Araújo e provocando indignação naqueles que testemunharam o fenómeno, determinou-o como embuste promovido pelo Professor José Marrocos com a convicção da beata. E a quinta e mais recente, publicado pela parapsicóloga Maria do Carmo Pagan Forti (1991), considera o ocorrido como manifestação “da imaginação emotiva dela, da influência de seu psiquismo sobre o organismo”. Para o público romeiro nada disso importa, o que vale é a versão do Padre Cícero que aparece, segundo Pinho (2002, p. 100), no imaginário de muitos devotos como uma das pessoas da santíssima trindade, não uma quarta pessoa, mas a representação encarnada de uma das expressões de Deus.

<sup>3</sup> Em Fevereiro (2), festa de Nossa senhora das Candeias, em Setembro (15), festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira do município e em Novembro (2), celebração do dia de Finados. Todas essas festividades foram originadas por iniciativa do Padre Cícero.

<sup>4</sup> O fluxo de visitantes não se restringe a esses períodos, durante as semanas que antecedem as festas religiosas é comum distinguir grupos de romeiros em visitação à cidade.

<sup>5</sup> Em Março (24) acontece a comemoração no nascimento do Padre Cícero, com festividades que duram uma semana e em Julho (20) se comemora o aniversário de morte do patriarca que é ponto culminante da chamada “semana do município” cuja data de emancipação política é comemorada em 22 de Julho.

<sup>6</sup> A cidade que possui cerca de 250 mil habitantes, chega a receber mais de 600 mil romeiros na maior romaria do ano que culmina no dia de Finados (2 de Novembro). Estima-se um fluxo anual de um milhão e seiscentas mil pessoas.

<sup>7</sup> É comum o romeiro referir-se ao Padre Cícero com “Meu padrinho”.

<sup>8</sup> Cf. Cordeiro, 2004.

<sup>9</sup> A noção de romaria como uma manifestação do turismo religioso é uma classificação criada por órgãos governamentais a partir de estudos de vocação e potencialidades dos municípios. O objectivo da classificação, no âmbito dos órgãos executivos municipais, estaduais e federais, é fornecer a logística necessária para a aplicação de investimentos em infra-estrutura básica e de apoio e fomentar a iniciativa privada.

<sup>10</sup> Passível de visualização a partir de expressões de sofrimento e desconforto no pagamento de promessas e realização de trajectórias durante a estadia na cidade: pés descalços, percursos realizados de joelhos, uso de indumentárias de conteúdo simbólico inadequadas ao clima, por exemplo.

<sup>11</sup> Cf. apresenta Canclini (2003).

<sup>12</sup> Cordeiro, 2004.

<sup>13</sup> É comum para muitos grupos de romeiros, hospedarem-se sempre, ano após ano, na mesma casa e estabelecer com os seus anfitriões laços de aproximação que compreende troca de correspondências; actualizações da história familiar numa espécie de “botar os assuntos em dia” de forma a saber quem casou, quem morreu, quem nasceu, quem se formou, quem rompeu com as tradições; e em alguns casos essas relações se estendem a partir da participação das partes em rituais eucarísticos católicos de baptismo.

<sup>14</sup> Os demais se hospedam em ranchos, pousadas (cerca de 65%) ou no veículo usado para o deslocamento.

<sup>15</sup> Por questões de espaço, dificilmente existe mais de um grupo numa casa de família e nesse caso, os visitantes não dividem a estadia com romeiros de outras caravanas desconhecidas.

<sup>16</sup> Actividade geralmente desenvolvida por mulheres, consiste na modalidade de comércio ambulante de produtos numa espécie de bandeja com alças de couro que circulam o pescoço para firmá-la na altura da barriga e permitir livre deslocamento.

<sup>17</sup> Relíquias.

<sup>18</sup> É comum para muitas famílias evitar sair de casa em períodos de romarias. Queixam-se do caos no centro, da bagunça, do calor, do trânsito, da superlotação. Em conversas informais com pessoas da cidade, identificam-se disposições em famílias de classe média e indivíduos pertencentes a sectores mais privilegiados para se deslocam para chácaras ou destinos fora da cidade enquanto dura a romaria.

<sup>19</sup> Refiro-me a indivíduos moradores que em seus relatos referem-se aos romeiros manifestando descontentamento com sua presença.

<sup>20</sup> A Secretaria de Saúde do Município detecta significativo aumento de viroses e endemias após os períodos de grandes romarias.

<sup>21</sup> Os registros de ocorrências de furtos, roubos e assaltos à mão armada crescem nos períodos de romaria segundo dados da polícia civil local.